



JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.

# O JOVEM

**JOSÉ DE PAULA  
RAMOS JR.**  
é professor do  
Departamento de  
Jornalismo  
e Editoração da  
ECA-USP.

# GILBERTO FREYRE

# T

erminados os estudos secundários no Colégio Americano Gilreath, de Recife (PE), aos dezessete anos de idade, Gilberto Freyre (1900-87) embarca para os Estados Unidos da América, onde permanece de 1918 a 1922. Primeiro em Waco, Texas, cursa a Universidade de Baylor, bacharelando-se em Artes, com especialização em Ciências Políticas e Sociais; depois, realiza estudos pós-graduados na Universidade de Colúmbia (Nova York), onde obtém o grau de mestre com a dissertação *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*. Viaja, então, para a Europa e frequenta aulas e conferências em Oxford e na Sorbonne. Em 1923, volta ao Recife.

Quando partiu para o estrangeiro, o ainda menino sonhava tornar-se missionário entre os índios do Brasil após a conclusão dos estudos universitários. Tal disposição de espírito decorria da influência protestante recebida no colégio americano, de orientação batista, e da profunda impressão que lhe causaram as ideias de Tolstói para um cristianismo renovado e vivo, anticlerical, fundado na fraternidade, que ligaria “os homens acima de classes e raças; e fazendo que a gente mais instruída vá ao povo e lhe leve a sua luz”<sup>1</sup> (Freyre, 1975, p. 11).

O contato direto com a sociedade norte-americana o fez reavaliar logo a opinião sobre o cristianismo evangélico, que, ingenuamente, chegou a julgar antiburguês. “Eu via no Cristianismo evangélico um Cristianismo que seria um bem para o Brasil por ser antiburguês e não por ser anticatólico. Vejo que estava um tanto

enganado” (Freyre, 1975, p. 24). Mas não foi a decepção com o protestantismo que dissipou o sonho de ser missionário. Os estudos e a vida acadêmica abriram perspectivas novas e fascinantes, que levaram o jovem a descobrir sua vocação de escritor.

## DEFINIÇÃO DE ROTA

Em Baylor, o estudante brasileiro chamou a atenção do professor de literatura inglesa e comparada A.J. Armstrong, respeitado internacionalmente como especialista na poesia de Robert Browning. No curso de Armstrong, o aluno descobre no ensaio o gênero em que poderia se realizar. Gilberto Freyre já se decidira pelo conhecimento do homem e da sociedade como seu objeto geral de estudo, mas sentia que a abordagem científica, embora valiosa, seria insuficiente para o esclarecimento de inúmeras questões. Insatisfeito com as limitações das ciências sociais, da história, da antropologia e de outras especialidades, Gilberto Freyre viu na liberdade metodológica do ensaio o melhor meio para realizar o trabalho de compreensão daquele objeto, embora naquela quadra ainda não soubesse qual, especificamente, seria esse. Com certeza, haveria de ser algo ligado ao Brasil.

O que ficou definido no período de Baylor foi a decisão de tornar-se escritor, interessado na investigação do homem e da sociedade brasileira, por meio do ensaio, gênero sem o qual “estaríamos muito pobres com relação a problemas básicos do Homem e da Sociedade que a ciência dos Comte, dos Spencer e dos Tylor não parece capaz de esclarecer só por caminhos e por métodos científicos”<sup>3</sup> (Freyre, 1975, p. 27).

Por meio do ensaio, poderia mover-se livremente entre as diversas ciências. Além disso, aos olhos do atento leitor de Carlyle — que, para conhecer o homem, inspirava-se igualmente no interesse científico e na consideração poética da matéria<sup>4</sup> —, o gênero ainda possuía outra grande virtude: permitia a articulação do discurso científico

1 Nota datada de Recife, 1916.

2 Nota datada de Nova York, 1918.

3 Nota de Waco, 1918.

4 “[...] a scientific interest and a poetic one alike inspire us in this matter [conhecimento do homem pelo homem]” (apud Freyre, 1975, p. 27. Nota de Waco, 1918).

não só com outras formas de conhecimento – por exemplo, a experiência sensível e a estética –, mas, também, com a própria escrita artística, cujo melhor exemplo Gilberto Freyre encontrara no ensaísmo de Walter Pater, muito estudado no curso de Armstrong.

## UM MODELO

Walter Horatio Pater (1839-94), professor de Oxford, especialista em arte e história do Renascimento, foi célebre pelo estilo refinado. O ensaísmo de Pater busca, sobretudo, compreender os efeitos suscitados na recepção da pintura, da escultura ou da obra literária. Em seu trabalho, há o esforço de olhar os objetos como se fossem vistos pela primeira vez. Por meio de suas impressões pessoais, tenta fisgar a gênese das sensações e emoções estéticas, que procura traduzir numa linguagem frequentemente indistinta da própria criação artística.

O jovem Gilberto Freyre admirava em Pater o modo como este se apropriava de seu objeto de estudo, sem transformá-lo em matéria inerte, preservando sua liberdade e autonomia, para capturá-lo em pleno movimento, como se a inteligência se agarrasse a ele para depois revelá-lo como realidade viva.

O estilo elegante e as ideias de Pater, decorrentes de uma vida devotada às sensações estéticas refinadas, influíram na literatura inglesa das últimas décadas do século XIX, particularmente na obra do irlandês Oscar Wilde e de seu conterrâneo William Butler Yeats, em sua fase inicial, marcada pelo pré-rafaelismo tardio, também chamado decadentismo ou esteticismo, de que Pater foi mentor. Há algo de Pater, ainda, no imagismo de Ezra Pound e Amy Lowell, que, ao lado dos escritores antes mencionados, não por acaso, eram lidos por Gilberto Freyre, em Baylor, com profundo interesse.

A herança do pré-rafaelismo, no que ela tem de rejeição ao convencionalismo clássico, de busca de ideias e imagens novas a expressar, de valorização do olhar pessoal

do sujeito e de preservação da autonomia e liberdade dos objetos, talvez seja o ponto de contato entre esses diferentes escritores que marcaram Gilberto Freyre. Uns mais, outros menos. Pater foi dos mais marcantes, mas, como veremos adiante, Gilberto Freyre faria restrições ao excessivo preciosismo do mestre inglês. Vejamos antes outras influências decisivas na formação do autor de *Casa-grande & Senzala*.

## ENCONTRO COM O IMAGISMO

Apresentada por Armstrong, em Baylor, Freyre conheceu pessoalmente Amy Lowell (1874-1925), poeta e crítica literária, líder do movimento chamado imagismo, que, na década de 1910, renovou a poesia inglesa e norte-americana.

Em 1912, Ezra Pound, H. D. (Hilda Doolittle) e Richard Aldington formularam o programa poético do imagismo, nome tomado a um precursor do movimento, Thomas Ernest Hulme (1883-1917), que preconizava uma poesia de imagens claras e bem definidas<sup>5</sup>. O imagismo descende da combinação de propostas artísticas de origem inglesa, pré-rafaelistas, com sugestões do simbolismo decadentista da Europa continental, particularmente o francês, a que se aditavam procedimentos mais ou menos generalizados das correntes vanguardistas que revolucionavam a literatura e a arte do início do século XX.

O principal veículo de divulgação do grupo, que congregava poetas ingleses e norte-americanos, era a importante revista *Poetry, a Magazine of Verse*, fundada em Chicago por Harriet Monroe, em 1913. Nessa revista, Pound (1976, pp. 12-3) publicou (março, 1913) o texto “A Few Don’ts”, que contém os fundamentos do imagismo: valorização da imagem, entendida como um “complexo intelectual e emocional” que elide os “limites de espaço e tempo”, e cumprimento da “exigência de tratamento direto [do objeto], economia de palavras, e sequência da frase musical”. Em outros termos, plasticidade sincrônica e

5 O texto de Hulme, em que o termo *Imagist* é empregado pela primeira vez, foi publicado em 1912 no livro *Ripostes*, de Pound.

sincrética, em que sentimento e pensamento se encontram na imagem exata, precisa; máxima concisão – influência da arte e da literatura chinesa e japonesa –; amplo domínio técnico da sonoridade verbal, de modo que o ritmo, a melodia e o que se pode chamar harmonia dos versos não desviem a atenção do significado das palavras. Em 1914, Pound publicou *Des Imagistes*, a primeira antologia do movimento. Pouco depois disso, abandonou os imagistas para envolver-se na criação do vorticismismo.

A liderança do grupo passou, então, a Amy Lowell, que foi responsável pela edição da segunda antologia: *Some Imagist Poets* (1915). O volume contém um manifesto redigido por Richard Aldington, que reafirma os postulados de Pound para a arte poética do imagismo quanto ao uso da palavra exata e concisa, à pesquisa da sonoridade expressiva e à clareza e precisão de imagem, que “deve refletir com exatidão o particular, e não generalidades vagas” (Aldington apud Torre, 1972, v. III, p. 214).

Destacando o “princípio de liberdade” que orientava a nova poesia anglo-americana, Aldington (apud Torre, 1972, v. III, p. 214) apresentava o verso livre como a forma mais adequada para a expressão da “individualidade do poeta”, e defendia a “liberdade absoluta em relação à escolha do tema”, com destaque para a valorização poética de temas colhidos na vida moderna, mas cujas imagens apresentassem não a mera exterioridade das coisas, mas a substância de sua modernidade. Com essa crítica implícita ao futurismo, o manifesto queria marcar a singularidade do imagismo, cuja postulada “liberdade total” de forma e conteúdo permitia o uso de versos e temas tradicionais, sem o que seria difícil entender a presença de T. S. Eliot entre os colaboradores do grupo.

Amy Lowell havia programado a dissolução do grupo imagista para depois da publicação de três antologias, sem contar a primeira, editada por Ezra Pound, sabendo que um movimento organizado de poetas não poderia mesmo durar muito, tal como se dava com os vários *ismos* das vanguardas artísticas europeias. De fato,

depois de 1917, data da última antologia editada por ela, cada membro do grupo seguiu seu próprio caminho, frequentemente distanciado das propostas imagistas originais. Mesmo Amy Lowell, tão ciosa das conquistas de seu movimento, andou contrariando o princípio de concentração, que o manifesto de Aldington (apud Torre, 1972, v. III, p. 214) considerava “a verdadeira essência da poesia”, em poemas até anteriores à dispersão do grupo, como “The Bombardment” e “Spring Day”, ambos de *Men, Women and Ghosts* (1916). Todavia, apesar dos desvios da ortodoxia, Lowell é considerada das mais fiéis mantenedoras do legado imagista. Sua poesia expressa uma individualidade personalíssima, que se revela na participação sensível e inteligente do eu lírico no mundo circundante imaginado: subjetividade e objetividade entrelaçadas para transfigurar o mundo poeticamente, em imagens nítidas e precisas, que procuram surpreender a suposta essência das coisas, das paisagens, das situações cotidianas, dos próprios sentimentos e das ideias.

De família rica, tradicional e ilustre de Boston, Amy Lowell estava no auge de seu prestígio intelectual e artístico quando Gilberto Freyre a conheceu. Convidada por Armstrong, ela foi conferencista na Universidade de Baylor no ano de 1920. Na abertura de uma exposição, Lowell (apud Freyre, 1975, p. 41) elogiou um artigo sobre a sua poesia, que Armstrong acabara de lhe mostrar. Destacando a inteligência do autor, assinalava que ele tivera “olhos para ver e ouvidos para aprender [sic] as sutilezas de música e de cor da poesia Imagista”. O autor era o estudante brasileiro. Após a conferência, Armstrong apresentou o jovem crítico a miss Lowell, que repetiu o elogio feito ao artigo e o convidou a visitá-la em Boston.

A grande impressão causada por Amy Lowell certamente acentuou o interesse de Gilberto Freyre pela poesia imagista, que foi para ele um caminho suave para o mundo vertiginoso das vanguardas artísticas de que se impregnou a seu modo. Suave porque empático. Na poesia imagista, especialmente a de Amy Lowell, Gilberto encontrou uma plasticidade riquíssima,

qualidade que sempre o fascinou, desde as aulas de desenho tomadas na infância, em Recife, com o inglês Mr. Williams; nela, descobriu o verso livre, que já conhecia de Whitman e dos simbolistas franceses, como expressão poética mais adequada ao ritmo da vida moderna. Com o imagismo, aprendeu a apreciar a abordagem direta das coisas, que já observara nos pré-rafaelistas e no esteticismo de Walter Pater, e a procurar a palavra exata para traduzi-las, sem exclusão da linguagem coloquial e de suas potencialidades expressivas, de que Amy Lowell tão bem se valeu em poemas como “The Grocery” (*Men, Women and Ghosts*). Essas qualidades, dentre outras, seriam incorporadas de modo conspícuo ao estilo do escritor pernambucano em formação.

Em Baylor, Gilberto Freyre conheceu também Harriet Monroe (1860-1936), cujo trabalho de editora da revista *Poetry* impulsionou a modernização da literatura anglo-norte-americana, especialmente da nova poesia representada pelo imagismo. Nesse aspecto, ela pode ser apontada como uma referência importante para a formação de Gilberto Freyre como escritor e, especialmente, como futuro editor do *Livro do Nordeste*.

O prestígio de Armstrong conseguia atrair à universidade provinciana vários poetas e escritores destacados, que mereceram a atenção especial de Gilberto Freyre e o marcaram. Não seria ocioso mencionar alguns que o próprio Gilberto registrou em *Tempo Morto e Outros Tempos*.

## O CAMPONÊS E OS MARINHEIROS

Edwin Markham (1852-1940) gozou de enorme popularidade nos Estados Unidos, com um poema de conteúdo social, “The Man with the Hoe”, publicado no ano de 1899 pelo jornal *San Francisco Examiner*. Reproduzido e comentado por periódicos de quase todo o país, o poema deu fama nacional ao autor. Trata-se de uma composição em que o embrutecimento físico e espiritual do camponês é denunciado como resultante

da exploração dos senhores em toda parte. Escravo da roda do trabalho (“*Slave of the wheel of labor*”), o camponês é transformado pelos dominadores (“*masters, lords and rulers in all lands*”) em animal (“*a brother to the ox?*”), uma coisa monstruosa, distorcida e de alma extinta (“*This monstrous thing distorted and soul-quencht*”), que, após séculos de silêncio e de passividade, estaria prestes a se rebelar:

“*O masters, lords and rulers in all lands,  
How will the future reckon with this Man?  
How answer his brute question in that hour  
When whirlwinds of rebellion shake all  
[shores?  
How will it be with kingdoms and with  
[kings –  
With those who shaped him to the thing  
[he is –  
When this dumb Terror shall rise to judge  
[the world,  
After the silence of the centuries?”*  
(in Aiken, 1944, pp. 207-8).

O sentido social da poesia de Markham é o que mais chamou a atenção de Gilberto Freyre, que atribuiu a isso e não à qualidade literária a fama do autor:

“É evidente que sua celebridade vem menos de sua arte poética, que não é das mais altas, que o sentido social de sua poesia. Um sentido trabalhista. Trabalhista, note-se bem; e não socialista. Pois isso de socialismo aqui é seita: ideia de muito poucos. Enquanto o trabalhismo ou laborismo, não: empolga muita gente”<sup>6</sup> (Freyre, 1975, pp. 38-9)

Apesar da avaliação estética negativa, algo do famoso poema de Markham deve ter calado fundo em Gilberto Freyre; provavelmente o topos da feiura do camponês, símbolo das classes sociais inferiorizadas, que se apresenta no texto não como um fato natural, mas decorrente de séculos de exploração. É o que nos parece se o associamos à experiência marcante de Gilberto Freyre numa rua do bairro de Brooklin, Nova York, em 1921, quando foi surpreendido pela visão de alguns marinheiros de guerra do Brasil,

6 Nota de Waco, 1920.

de péssima aparência. Tal encontro é mencionado numa nota de seu diário (Freyre, 1975, p. 68) e, muitos anos depois, numa célebre passagem do prefácio à primeira edição de *Casa-grande & Senzala*:

“Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do *São Paulo* ou do *Minas* pela neve mole de Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: *the fearfully mongrel aspect of most of the population*” (Freyre, 1961, p. XXXI).

A feiura do camponês de Markham ecoa na imagem dos marinheiros nacionais. Como é sabido, para Gilberto Freyre o aspecto medonho daqueles brasileiros mestiços também não se explicaria por suposta razão natural, mas por fatores históricos complexos. O poema de Markham reduz os fatores deformantes a uma vaga exploração reificadora; Gilberto Freyre os esmiuçaria vivamente em seu grande ensaio sobre a “formação da sociedade agrária, escravocrata e híbrida” brasileira.

## ASSIMILAÇÃO AFRO-AMERICANA

Vachel Lindsay (1879-1931) causou profunda impressão em Gilberto Freyre, como registra em seu diário. Em 1920, quando se conheceram, o poeta norte-americano estava no auge de sua fama, que se iniciara com a publicação de seu mais célebre poema (“General William Booth Enters Into Heaven”) no quarto número da revista *Poetry*, em 1913.

O melhor de Lindsay está nos poemas inspirados em ritmos populares, especialmente os afro-americanos, colhidos por ele em suas inúmeras perambulações pelo país. O poeta se apresentava em recitais por onde passava, em troca de comida e abrigo. Suas *performances* ficaram célebres pelo modo

admirável como dizia seus poemas. Mais do que dizê-los, ele os modulava numa espécie de canto, acompanhado de instrumentos musicais, explorando ao máximo o ritmo e os demais elementos sonoros dos versos.

A parte mais apreciada da produção poética de Lindsay, nos Estados Unidos, é exatamente aquela constituída por temas de fontes regionais, mas que traduzem valores e causas nacionais. Aliás, esse caráter da poesia de Lindsay – que de certo modo recupera o americanismo de Emerson e de Walt Whitman – foi também o que mais contribuiu para despertar a admiração de Gilberto Freyre (1975, p. 99), sobretudo pelo que contém de assimilação da “grande força espiritual representada pelos negros”.

É bem verdade que essa assimilação é controversa e foi questionada por muitos como racista, acusação que o poeta rechaçava, argumentando, por exemplo, com Joel Spingarn, dirigente de importante organização do movimento negro norte-americano pelos direitos civis:

“Minhas [obras] ‘Congo’ e ‘Booker T. Washington Trilogy’ foram ambas condenadas pelas pessoas de cor por razões que não sou capaz de penetrar. Tanto quanto posso perceber, elas não se deram ao incômodo de lê-las diretamente. A terceira parte de ‘The Congo’ é certamente tão esperançosa quanto qualquer ser humano se atreveria a ser em consideração a qualquer raça, e ‘John Brown’ não é seguramente um poema destituído de solidariedade; e ‘King Solomon and the Queen of Sheba’ é profecia de uma utopia de cor. Contudo, [o periódico] ‘The Crisis’, recentemente, deu-se ao incômodo de me esfolar”<sup>7</sup>.

Em resposta a Lindsay, Spingarn asseverou:

“Nenhum homem de cor duvida de suas boas intenções, mas muitos deles questionam o seu entendimento sobre as expectativas que eles têm. Você olha em torno de si e vê um mundo negro cheio de uma beleza estranha, diferente daquela do mundo branco; eles olham em torno deles e veem outros homens,

7 Carta de Lindsay a Joel Spingarn, presidente do conselho de diretores da NAACP (National Association for the Advancement of Colored People); publicada em *The Crisis* (janeiro de 1917): “Editorial: A Letter and an Answer”. O texto original da citação que traduzimos é o seguinte: “My ‘Congo’ and ‘Booker T. Washington Trilogy’ have both been denounced by the Colored people for reasons that I cannot fathom. As far as I can see, they have not taken the trouble to read them through. The third section of ‘The Congo’ is certainly as hopeful as any human being dare to be in regard to any race, and the ‘John Brown’ is certainly not an unsympathetic poem; and ‘King Solomon and the Queen of Sheba’ is a prophesy of a colored Utopia. Yet The Crisis took the trouble to skin me not long ago” (disponível em: [www.english.illinois.edu/maps/poets/g\\_l/lindsay/congo.htm](http://www.english.illinois.edu/maps/poets/g_l/lindsay/congo.htm); acesso em 7/9/2010).

com exatamente os mesmos sentimentos e desejos, que se recusam a reconhecer a semelhança. Você anseia pela utopia de cor separada e diferente da ansiada pelo homem branco; eles só têm um desejo irresistível, que é o de compartilhar uma civilização comum, na qual todas as distinções de raça fossem obscurecidas (ou esquecidas) pela comum aspiração e pelos trabalhos comuns. Sua poesia é maravilhosamente bela, e os poemas sobre homens e mulheres negros não são menos belos que os demais. Como podemos deixar de agradecer por toda essa beleza? Mas de algum modo nós sentimos (e eu disse ‘nós’ porque nisso eu compartilho os sentimentos da raça de cor), de algum modo nós sentimos que você não escreve sobre a humanidade de cor como você escreve sobre a humanidade branca”<sup>8</sup>.

O intuito dessas citações um tanto longas é o de estabelecer uma conexão entre Vachel Lindsay e Gilberto Freyre quanto à assimilação da contribuição negra para a formação da sociedade e da cultura no Novo Mundo. Não estamos interessados, aqui, na análise minuciosa das semelhanças e das profundas diferenças que poderiam ser

apontadas entre as concepções e resultados de cada um nessa matéria. Certamente, com *Casa-grande & Senzala*, Gilberto chegaria a uma compreensão muito mais rica do problema, e, embora sua obra contenha passagens controversas, que poderiam ser interpretadas também como manifestação de um racismo involuntário, ele não incorre no equívoco de Lindsay, apontado na carta de Joel Spingarn, de ver o negro como representante de uma humanidade diferente da do branco. Para Gilberto Freyre (1961, v. II, p. 438), inspirado em Joaquim Nabuco, “sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro *per se*, que apreciamos. [...] Parece às vezes influência de raça o que é influência pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão”. E o que se lê nessa passagem do clássico, publicado em 1933, já se insinuava no tempo em que Gilberto Freyre e Vachel Lindsay foram amigos, em comentários sobre o mestiço brasileiro, tecidos nessa época em seu diário (Freyre, 1975, p. 68).

Mas não se pode esquecer, quanto à valorização do negro, que o poeta precedeu, cronologicamente, o ensaísta. O carisma de Lindsay, sua figura de poeta visionário americano, pioneiro na assimilação, embora problemática, de ritmos, figuras e valores culturais dos negros ao contexto da cultura nacional norte-americana, certamente influenciou na formação do ensaísta pernambucano, que dedicaria grande parte de seu futuro trabalho ao resgate da riquíssima contribuição do escravo africano na constituição da sociedade e da cultura brasileira.

## PRESENÇA DE YEATS

“Ter ouvido William Butler Yeats e conversado com ele foi para mim uma experiência como eu, como estudante, não poderia ter maior. Ficará este meu encontro com o irlandês genial como um dos grandes momentos de minha vida” (Freyre, 1975, p. 40).

8 Carta de Joel Spingarn a Lindsay, *The Crisis*, janeiro de 1917. No original: “No colored man doubts your good intentions, but many of them doubt your understanding of their hopes. You look about you and see a black world full of a strange beauty different from that of the white world; they look about them and see other men with exactly the same feelings and desires who refuse to recognize the resemblance. You look forward to a colored Utopia separate and different from the hope of the white man; they have only one overwhelming desire, and that is to share in a common civilization in which all distinctions of race are blurred (or forgotten) by common aspiration and common labors. Your poetry is wonderfully beautiful, and the poems on black men and women are no less beautiful than the rest. How can we fail to be grateful for all this beauty? But somehow we feel (and I say ‘we’ because in this I share the feelings of the colored race), somehow we feel that you do not write about colored humanity as you write about white humanity” (disponível em: [www.english.illinois.edu/maps/poets/g\\_l/lindsay/congo.htm](http://www.english.illinois.edu/maps/poets/g_l/lindsay/congo.htm); acesso em 7/9/2010).





O professor Armstrong, novamente, proporcionara à Universidade de Baylor um momento raro. Quando lá esteve, em 1920, Yeats (1865-1939) era, como mais tarde diria T. S. Eliot (apud Carpeaux, 1964, v. VI, p. 2.961), “o maior poeta de língua inglesa deste século”. Sua glória seria celebrada com o prêmio Nobel de literatura três anos após sua passagem pelo interior do Texas.

A presença de Yeats evocava sua obra, que, partindo de um romantismo nostálgico das lendas celtas, passara pelo esteticismo da poesia inglesa da década de 1890, orientada pela pregação de Walter Pater e herdeira do pré-rafaelismo, assimilara o simbolismo francês e chegara a uma forma poética que, nas palavras da crítica Louise Bogan, “nos impressiona com seu distanciamento e sutil modernidade”<sup>9</sup>. O vocábulo inglês “*detachment*”, que traduzimos por “distanciamento”, talvez se expresse melhor pela ideia de separação (fr. “*détacher*”: desligar, separar). De fato, o substrato folclórico irlandês e as influências literárias ou esotéricas, entre outros elementos diversos, são incorporados à sua poesia de modo único. Seus ritmos, símbolos e imagens trazem a marca de uma personalidade poética forte e original, sempre inquieta, sempre em movimento. Agora, no que diz respeito ao encontro de Yeats com a modernidade, é importante lembrar o papel desempenhado por Ezra Pound. Segundo o testemunho de William C. Williams (apud Campos, 1983, p. 19), “Pound passou uma descompostura em Yeats por algumas de suas inversões e outros arcaísmos de estilo e, incrivelmente, Yeats entregou todas as produções que tinha no momento para que Pound as corrigisse. Isso não é imaginação mas fato, Yeats aprendeu tremendamente com as críticas de Pound”. As lições de Pound agiram sobre Yeats, que depurou seu estilo até alcançar a clareza de imagem e a concisão expressiva características da última fase de sua poesia.

Quando Yeats chegava a esse último estágio de sua obra, Gilberto Freyre o conheceu e teve uma longa conversa com ele, ensinada por Armstrong. O que ficou desse encontro na memória do brasileiro

foi o modo como Yeats pronunciara sua conferência, que se tornou modelo para ele:

“Yeats é a negação do orador, mas a afirmação do conferencista que valoriza as palavras com uma arte de quem dominasse sons e sentidos ao mesmo tempo. Nunca vi conferência igual. É assim que pretendo ser *lecturer*. E não – nunca! – um didata doutoral. Ou um orador” (Freyre, 1975, p. 40).

Da conversa que teve com o artista, ficou também a lembrança da curiosidade sobre possíveis sobrevivências celtas no Brasil e no folclore religioso da América Latina (Freyre, 1975, p. 40), isto é, a do grande poeta cuja universalidade se erguia com base em suas raízes locais.

## RAÇA E CULTURA

Embora a maior parte dos cursos seguidos em Baylor fosse de caráter científico (geologia, biologia, psicologia, sociologia, economia, ciência política e jurídica), nessa fase, o que mais marcou o desenvolvimento intelectual de Gilberto Freyre foi a literatura, certamente por influência do professor Armstrong.

Agora, é importante assinalar que esse grande interesse e mesmo paixão do jovem Gilberto pelo estético, que fez dele um dos grandes estilistas da língua portuguesa, não significava uma vocação estritamente artística. Gilberto Freyre não se refere em seu diário, tal como foi publicado em *Tempo Morto e Outros Tempos*, a qualquer desejo de tornar-se poeta, prosador de ficção ou crítico literário naqueles anos de formação, embora não desprezasse eventuais incursões nessas atividades. Havia sim o intuito de praticar uma escrita de qualidade literária, mas à qual se sobrepunha a preocupação com problemas de natureza social.

Após graduar-se em Baylor, seguindo a orientação de Armstrong e de Oliveira Lima, Gilberto Freyre mudou-se para Nova York, para estudar na Universidade Colúmbia

9 “[...] impresses us with his detachment and subtle modernity”. Do ensaio “William Butler Yeats”, originalmente publicado em *The Atlantic Monthly*, maio de 1938 (disponível em: [www.theatlantic.com/magazine/archive/1969/12/william-butler-yeats/4672/](http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1969/12/william-butler-yeats/4672/); acesso em 7/9/2010).

como bolsista de pós-graduação.

No espaço cosmopolita de Colúmbia, Gilberto completaria sua formação acadêmica. Lá, frequentou cursos ministrados por professores ilustres como Franz Boas (1858-1942), alemão que se tornou um dos maiores antropólogos dos Estados Unidos, especialista em culturas primitivas de índios norte-americanos, entusiasta da pesquisa de campo; Franklin Henry Giddings (1855-1931), um dos pioneiros da sociologia sistemática nos Estados Unidos, que preparava a sua obra mais importante (*Studies in the Theory of Human Society*, 1922) quando Gilberto Freyre foi seu aluno; o eminente economista norte-americano Edwin Robert Anderson Seligman (1861-1939), autor de *The Economic Interpretation of History* (1902), “considerada obra clássica [...] que fixa a importância da contribuição de Marx para as ciências sociais sem se tornar passivamente apologético” (Freyre, 1975, p. 44); e, entre mais alguns intelectuais notáveis, o afamado filósofo, psicólogo e educador norte-americano John Dewey (1859-1952).

Todavia, entre tantas figuras ilustres, Franz Boas mereceu o maior reconhecimento de Gilberto Freyre. A célebre distinção entre raça e cultura, enfatizada pelo professor alemão, foi decisiva para o desenvolvimento das ideias que levaram a *Casa-grande & Senzala*. Vale lembrar a homenagem prestada a ele no prefácio da primeira edição dessa obra:

“O Professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. [...]

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me

revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio” (Freyre, 1961, pp. XXXI-XXXII).

## O CRITÉRIO REGIONAL

A grande diversidade cultural de Colúmbia, representada por gente dos quatro cantos do mundo, levou Gilberto Freyre a refletir detidamente sobre o significado de ser brasileiro. Frequentando o Instituto das Espanhas e o Círculo Francês da Universidade, apura-se nele a “consciência de pertencer, como brasileiro, ao mundo hispânico” (Freyre, 1975, p. 47) e, por extensão, ao universo latino.

Frédéric Mistral (1830-1914) e Charles Maurras (1868-1952) destacam-se entre os autores lidos nessa época. Gilberto Freyre encontrou neles a inspiração do critério com que haveria de estudar a formação da sociedade brasileira.

Em *Tempo Morto e Outros Tempos*, não há registro das obras de Mistral lidas naqueles dias de convívio com os novos amigos do Círculo Francês, onde, certamente, o poeta provençal, ganhador do Nobel de literatura, em 1905, gozaria de enorme prestígio. É possível que entre elas estivesse o volume de memórias de Mistral, *Moun Espelido (Mes Origines)*, 1906, não só por ser uma de suas obras mais famosas, mas, também, pelo especial interesse de Gilberto Freyre por narrativas biográficas, desde a leitura que fizera, quando aluno de Armstrong, de um ensaio de Thomas Carlyle (1795-1881), que lhe sugeriu a ideia de que “em essência, a História, a Antropologia e, paradoxalmente, a própria Sociologia, não é senão a reunião de inúmeras biografias” (Freyre, 1975, p. 27).

É certo, porém, que o brasileiro de Pernambuco familiarizou-se com a vida de Mistral, dedicada à sua Provença. A luta do movimento *Félibrige*, fundado por Mistral, em 1854, para promover a reabilitação da *langue d'oc* e a valorização da natureza, dos caracteres, dos costumes e dos valores regionais, encontrou em Gilberto Freyre um espírito receptivo. E o mesmo se pode dizer em relação ao trabalho do discípulo e conterrâneo de Mistral, Charles Maurras, que Gilberto conheceria pessoalmente em Paris, em 1922.

Sob a influência desses autores, bem como do nacionalismo de Yeats, Gilberto Freyre (1975, p. 49) passa a se orientar pelo “critério regional” em seu estudo dos problemas sociais brasileiros, cujo primeiro esforço de síntese se realizou na dissertação de mestrado já mencionada.

## EUROPA, FRANÇA E RECIFE

Como dissemos, terminados os estudos nos Estados Unidos, Gilberto Freyre embarcou para a Europa, onde passaria parte de 1922 e do ano seguinte. Viajou por alguns países, especialmente por cidades da Alemanha (Munique e Berlim), onde descobriu o expressionismo nas artes plásticas e no teatro. Na maior parte de sua permanência na Europa, Gilberto esteve sediado na Inglaterra e na França. Mais exatamente, em Oxford e em Paris, onde assistiu a aulas e conferências nas respectivas universidades.

Em Oxford, Gilberto Freyre recebeu um convite do professor espanhol Francisco de Arteaga, que lá lecionava, para tornar-se seu assistente. Mas já era sólida a deliberação de voltar ao Brasil e desenvolver seu trabalho em sua terra:

“Se nasci brasileiro, e dentro do Brasil, em Pernambuco, não será dentro das fronteiras do Brasil e dos limites de Pernambuco, e seguindo as imposições de minhas origens, que devo viver? Este é o meu ideal para um indivíduo de minha formação não só intelectual como, até certo ponto, pessoal.

Minhas origens, minha família, minha Mãe, meu Pai, minha cidade, minha terra, me reclamam pelo que há, em mim, de outras raízes, que, não sendo as intelectuais, parecem ser raízes ainda mais fortes. O que me fez querer reintegrar-me no Brasil não é um senso puritano de dever mas uma necessidade de ser, ou desejar ser, autêntico, na minha condição de homem; e temo que, fora do Brasil, eu me sentisse postiço ou artificial [...]” (Freyre, 1975, p. 97).

Em Paris, frequentou os cafés dos *félibistes*, que o acolheram com simpatia, e conviveu com discípulos de Maurras. Reforça-se em Gilberto Freyre a ideia regionalista, defendida por esses grupos:

“Saio de Paris sob a grande impressão do movimento Maurras-Daudet, menos no sentido de restaurar-se a Monarquia na França que no de descentralizar-se a vida, ou a cultura, francesa, além de libertar-se a administração das províncias ou das regiões do jugo parisiense. Importa essa descentralização numa nova dignidade para a vida provinciana, hoje degradada pelo excessivo culto de Paris. Barrès já o mostrara em páginas que fixam bem o drama do desenraizado. E Mistral foi, todo ele, pela sua vida e pela sua obra, a exaltação precisamente disto: da identificação do homem com suas raízes regionais (Freyre, 1975, p. 118).

É importante, também, lembrar que em Paris, em 1922, Gilberto Freyre conheceu o pintor Vicente do Rego Monteiro, que o apresentou a Tarsila do Amaral, a Victor Brecheret e a Oswald de Andrade. Por meio desses artistas, “em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem ao Brasil” (Freyre, 1975, p. 125), Gilberto teve as primeiras notícias sobre o movimento modernista brasileiro.

Após cinco anos de ausência, em 1923, Gilberto Freyre estava de volta. Começaria o período de readaptação ao Brasil, na sua Recife, no seu Pernambuco. Foi quando começou a se apropriar do conhecimento profundo de sua região, reunindo documentos dos engenhos – “cartas, inventários,

testamentos. Documentos menos públicos e mais íntimos” (Freyre, 1975, p. 135) –, vasculhando a precária Biblioteca Pública do Recife, fotografando e registrando a cultura local: tipos de mestiços, janelas mouriscas, fachadas de igrejas e sobrados, receitas de culinária típica, manifestações folclóricas, superstições e crenças populares; enfim, tudo que revelasse o cotidiano social.

Aplicando o que aprendera com “o velho Boas”, o jovem Gilberto Freyre realizou extensa pesquisa de campo por bairros e subúrbios do Recife e pelo interior, na Zona da Mata. Não descuidava, porém, do estudo teórico dos mestres de sociologia e antropologia (Durkheim, Giddings, Boas).

O objetivo principal dos múltiplos esforços do jovem Freyre, nesse tempo, era o de empreender um estudo da “vida de menino no Brasil [...] através de vários tempos e em várias regiões” (Freyre, 1975, pp. 136-7), projeto acalentado desde os tempos de Colúmbia. Ambicionava abordar o problema sob nova perspectiva, valorizando o ponto de vista do menino em vez do adulto. O estudo haveria de seguir orientação histórica, sociológica e antropológica lastreada em documentação abundante, mas, por sugestão da leitura da obra de Proust, na qual identificava um modelo de análise da história íntima que ele pensava aplicar em seu trabalho, não haveria de desprezar as reminiscências de sua própria infância na construção da psicologia do menino: “Suas [de Proust] análises são líricas e clínicas ao mesmo tempo: poéticas e científicas. Dessa contradição resulta ser ele o historiador ideal do que há de mais íntimo no passado de um povo” (Freyre, 1975, p. 137). Como se sabe, esse projeto não foi realizado por ele, mas, de certa forma, por seu grande amigo e discípulo José Lins do Rego, com o romance *Menino de Engenho* (1932).

## MISCIGENAÇÃO DE MÉTODOS

A inquietação intelectual de Gilberto Freyre o levava a buscar uma nova forma de estudar o fenômeno social, que ultrapassasse

os limites das ciências isoladas e estanques por meio da combinação de suas variadas perspectivas e métodos. Essa disposição seria formulada em uma nota de seu diário, datada de 1928, quando mais se acentuava nele a busca de um caminho original para o estudo da sociedade brasileira:

“O que imagino é desenvolver [...] nova técnica ou nova combinação de métodos – o antropológico baseado no psicológico, o histórico-social alongado no sociológico para a captação e a revelação de um social total. Se conseguir isto terei realizado façanha semelhante à de Santos Dumont. Serei outro brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre o problema que continua fechado aos homens de ciência: o da análise e sobretudo revelação do social, por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e tempo. Vida que vem sendo dividida, retalhada e mutilada, por metodologistas como que assassinos. Anatômicos” (Freyre, 1975, p. 222).

Observa-se, ao lado da consciência da originalidade e do valor de sua “nova técnica”, a recusa daquela metodologia científica que, desde seus estudos universitários em Baylor, considerava incapaz de compreender a vida em sua totalidade. A ciência deveria derrubar as cercas delimitadoras do saber especializado, buscando a integração de múltiplas disciplinas. Mas não apenas isso.

Para compreender verdadeiramente, a ciência deveria preservar o livre dinamismo de seu objeto, e não imobilizá-lo numa coisa morta. Essa exigência já fora formulada desde os tempos de Paris (1922):

“Os homens de cujo idioma se deriva a nossa palavra ‘compreender’ – os gregos – entendiam ser função da compreensão uma atitude igualmente pessoal e de iniciativa, quase um esforço como o de apanhar um menino, ou um adolescente, ligeiro passarinho, não de surpresa, o pássaro incautamente parado, mas em pleno voo: voando. ‘Compreender’, no seu melhor sentido, seria apanhar a inteligência os assuntos vivos, em

movimento, em pleno voo, agrestes, rebeldes, não querendo de modo algum perder a liberdade [...]” (Freyre, 1975, p. 119).

Na mesma nota, Gilberto Freyre cita alguns brasileiros ilustres que buscaram compreender o Brasil (José Bonifácio, Teixeira de Freitas, José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha), mas, pelo modo poético com que apresenta sua noção de “compreender”, o exemplo maior que teria em mente talvez fosse o de Walter Pater, em cuja obra, célebre como escrita artística, Gilberto Freyre reconhecia aquele tipo de aventura pessoal e original da inteligência.

## FUNÇÃO ESTÉTICA

Não bastava a Gilberto Freyre a invenção da técnica de “combinação de métodos” científicos. Para ele, a verdadeira compreensão resultaria da aplicação da perspectiva das ciências combinadas, “alongada” pela sensibilidade, pela impressão pessoal e pela percepção estética, que revelasse o objeto de estudo em sua liberdade e vitalidade.

O jovem Gilberto entendia que tal revelação só seria possível se a linguagem abstrata da ciência também se misturasse à linguagem quente da vida, cheia de sugestões sensuais, que evocasse o objeto com a força de presentificação que só a arte é capaz de produzir. Ambicionando trazer à vida tempos já mortos, Gilberto Freyre segue o exemplo de Pater e se esforça na criação de um estilo sempre atento à função estética da linguagem, que Roman Jakobson chamou de função poética, entendida como bem mais que um simples ornato, nunca como recurso de oratória vã, mas um poderoso elemento de expressão, capaz de traduzir concretamente as abstrações da ciência.

A admiração de Gilberto Freyre pela obra de Pater sempre foi intensa. Como tentamos demonstrar, no tempo de Baylor, ela foi decisiva para a descoberta da vocação de escritor do jovem Gilberto e para a sua

definição do ensaio como gênero eleito. Em 1922, quando estava em Oxford, a universidade de Walter Pater, a lição do mestre foi frequentemente exercitada: “Noto, voltando-me para o meu íntimo, que eu também, dentro dos meus limites, às vezes ando ou caminho, dominado pelo mesmo afã [de Pater]: o de depurar de defeitos frases que mentalmente construo antes de escrevê-las” (Freyre, 1975, p. 111).

Porém, na mesma nota de seu diário, o discípulo levanta a restrição a que nos referimos acima: “Creio que de Pater – de seu estilo – se pode paradoxalmente dizer que, obra-prima como é, se apresenta um tanto prejudicado pelo próprio excesso de suas qualidades: o apuro na perfeição”. Esse comentário crítico, em que a ideia de pureza e perfeição estilística é vista como um “excesso”, enseja a percepção de que deveria construir um estilo próprio de acordo com sua índole sempre propensa à miscigenação:

“No que começa a ser em mim, não sei se um estilo, se apenas um modo pessoal de escrever, a tendência é para uma combinação das duas influências [sensual e intelectual]. Uso palavras que denominarei intuitivas sem repelir as lógicas. As cotidianas sem repudiar as raras. As populares sem deformar as eruditas. As sensíveis sem repelir de todo as abstratas” (Freyre, 1975, p. 111).

Outra nota de seu diário, de 1925, mostra que Gilberto Freyre se sentia bem próximo de se afirmar como inventor de uma “forma nova em língua portuguesa”, cujo estilo, tradicional e novo a um só tempo, já ia reunindo seguidores:

“Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo? Eu vou chegando a uma forma nova em língua portuguesa, que é diferente das antigas, sem deixar de ter o ritmo tradicional das prosas portuguesas; que exprime uma personalidade ao mesmo tempo moderna e castiça até na pontuação; e que a exprime de modo contagioso. Daí as imitações. Hei de criar um estilo” (Freyre, 1975, p. 176).

## O FÉLIBRIGE GILBERTIANO

Desde que voltara da Europa, animado pelo espírito do *Félibrige* de Mistral, Gilberto Freyre se esforçava na articulação de um movimento semelhante, que abrisse uma nova perspectiva não só para as ciências, a cultura e as artes, mas até mesmo para a organização econômica e política do Brasil.

Seguindo o exemplo de Mistral, o jovem Gilberto formou um grupo ao seu redor, disposto a trabalhar a favor do resgate e valorização das coisas regionais. Em 1924, ao lado de Carlos Lyra Filho, Júlio Bello, Odilon Nestor, Pedro Paranhos e outros, fundava o Centro Regionalista do Nordeste, que foi o primeiro núcleo do *Félibrige* gilbertiano.

No ano de 1925, trabalhando no *Diário de Pernambuco*, Freyre publica o *Livro do Nordeste*, comemorativo do centenário do

jornal. O volume é um documentário histórico, econômico, antropológico e cultural do Nordeste, orientado segundo o critério regional estabelecido pelo organizador aos colaboradores. Esse livro recolhe e divulga os primeiros trabalhos do movimento, que ganharia corpo no ano seguinte com a realização, em Recife, do Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo.

Na sessão de abertura do congresso, Gilberto Freyre teria lido o seu *Manifesto Regionalista*. Aqui, não nos interessa a polêmica quanto à inautenticidade do *Manifesto*, publicado pela primeira vez em 1952. É possível que ele tenha sido escrito, tal como foi publicado, após a realização do congresso, talvez mesmo após muitos anos. Assim também são suspeitas algumas notas publicadas em *Tempo Morto e Outros Tempos*, como, por exemplo, uma datada de 1923 (Freyre, 1975, p. 132), que se refere ao poema “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, composto em 1924 e publicado em livro (*Clã do Jabuti*) em 1927.

Todavia, se Gilberto Freyre não leu ao Congresso Regionalista o texto do *Manifesto*, tal como foi publicado 26 anos após sua realização, é provável que seu pronunciamento contivesse os mesmos valores, interesses e programa de ação cultural, preconizados no *Livro do Nordeste*, que, segundo a observação precisa de Antônio Dimas (1996), “pode perfeitamente informar sobre as pretensões em voga naqueles anos” em que Gilberto Freyre articulava o seu *Félibrige* nordestino. Assim, o *Manifesto* pode ser lido ao menos como um texto retrospectivo, indispensável para se entender o movimento regionalista nordestino em geral e, em particular, a evolução do pensamento e da militância do escritor Gilberto Freyre, a caminho de sua primeira grande obra.

Lido nessa perspectiva, o *Manifesto* informa que o movimento se articulava em torno dos conceitos de região e tradição. Segundo a sua proposta, tratava-se de promover a reorganização nacional, dando-se, “antes de tudo, atenção ao corpo do Brasil”, uma vez que, “de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os



seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepueram regiões sociais” (Freyre, 1996, p. 50).

Ressaltando o caráter não separatista do movimento, sobrepunha a realidade das regiões interdependentes à arbitrária divisão política do país em estados, como critério que deveria orientar a administração do Brasil, evitando sua balcanização.

Regionalmente, também, é que a cultura brasileira deveria ser estudada, reabilitando valores que seriam como antídotos à des-caracterização trazida pelo progresso, este entendido como transposição mecânica e inautêntica da “novidade estrangeira” ou do que “o Rio ou São Paulo consagram como *elegante* e como *moderno*” (Freyre, 1996, p. 51 – grifos do autor).

Gilberto Freyre ansiava pelo desenvolvimento do regionalismo por todo o país, de modo a construir a “verdadeira organização nacional” com base num “critério de inter-relação”, que ampliasse o local em regional e articulasse o regional “com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano” (Freyre, 1996, pp. 49-50). Procurava, assim, resguardar o caráter universal da proposta, na medida em que possam ser universais as noções de caráter brasileiro, americano ou latino. De sua parte, buscaria reabilitar o Nordeste, região que considerava, no Brasil, inexcédível “em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter” (Freyre, 1996, p. 52). O renascimento de sua região, achatada pelo centralismo político e cultural do Rio e de São Paulo, seria a força contraposta à des-caracterização estrangeirada promovida por essas capitais, uma vez que, historicamente, devia-se ao Nordeste a grande contribuição “para dar à cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade” (Freyre, 1996, p. 52).

Promover a reabilitação de valores e tradições enraizados no passado aristocrático do Nordeste açucareiro, entendido como a matriz básica do caráter original brasileiro, seria para Gilberto Freyre a forma de reconciliar o Brasil consigo mesmo.

O critério regional, postulado para um novo entendimento do Brasil, manifestava e

expressava uma “substância mais histórica que geográfica e certamente mais social do que política” (Freyre, 1996, p. 48). Assim, o movimento liderado por Freyre se contrapunha a outro movimento preocupado com o sentido e a direção da cultura nacional: o modernismo, inicialmente mais interessado na renovação estética. Como assinala João Alexandre Barbosa:

“Exatamente por não ser o literário uma ‘prioridade absoluta’, como está magnificamente pensado e dito no texto de Antônio Dimas (1996), e por serem os conceitos de região e tradição os elementos articuladores essenciais de uma relação mais intensa entre Estética e História, é que a complementaridade [dos dois movimentos], também pensada e dita por Dimas, se fazia mais interessante: ao modernismo de São Paulo se acrescentava um sentido da História, ainda que puxasse, de certa maneira, para o lado conservador e mesmo reacionário, sem o qual aquele modernismo corria o risco de esvaziar-se, enquanto movimento de cultura, em mais um *ismo* estético-literário (Barbosa, 2000).

Precisamente, como Antônio Dimas observou, a história era o alicerce do movimento regionalista. João Alexandre assinala a perspectiva regressiva de história, inerente ao *Félibrige* nordestino de Gilberto Freyre, que, no *Manifesto Regionalista*, declara a inspiração inequivocamente conservadora e mesmo reacionária da “ideia regionalista, animada na França pelo espírito poético de Mistral e pela inteligência realista de Maurras” (Freyre, 1996, p. 58).

De fato, a formação intelectual de Gilberto Freyre, de que procuramos apresentar um modesto recorte neste estudo, revela uma quantidade notável de preferências e influências aristocráticas, que contribuíram decisivamente para definir o seu modo de ser e de pensar conservador. A dominante aristocrática, porém, manifesta-se nele de modo peculiar, mostrando-se permeável à cultura popular: “[...] no Nordeste, quem se aproxima do povo desce a raízes e a fontes de vida, de cultura e de arte regionais. Quem

se chega ao povo está entre mestres e se mostra aprendiz, por mais bacharel em artes que seja ou por mais doutor em medicina” (Freyre, 1996, p. 71).

A trajetória intelectual percorrida nos Estados Unidos, na Europa e no Recife, entre 1918 e 1930, pode ser bem rastreada em quatro documentos que a sintetizam: a dissertação de mestrado apresentada em Colúmbia (*Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*), o *Livro do Nordeste*, o *Manifesto Regionalista* e as memórias contidas em *Tempo Morto e Outros Tempos* (resguardado o mencionado caráter problemático dos dois últimos). Já se manifestam neles as múltiplas influências literárias, científicas, ideológicas e culturais assimiladas nos anos de formação, e que seriam refundidas com espantosa originalidade em *Casa-grande & Senzala*, obra em que Gilberto Freyre realiza o desejo de tornar-se escritor dotado de estilo pessoal e a ambição de inaugurar uma forma nova de pensar a história, por meio da técnica

experimental de combinação de múltiplos métodos científicos com a função estética da linguagem, entendida como uma forma de conhecimento capaz de dar concretude às abstrações científicas.

A obra do ensaísta pernambucano trouxe uma contribuição inestimável para a renovação da cultura nacional, dentro da perspectiva conservadora, como o próprio autor gostava de definir, e até mesmo reacionária, como é impossível deixar de constatar. Mas o *Félibrige* gilbertiano ultrapassa o seu caráter regressivo quando o avaliamos na relação de complementaridade que mantém com o modernismo. Conforme o ensinamento de Antônio Dimas (1996), o regionalismo, ao evidenciar o sentido de história que lhe servia de alicerce, apontava às vertentes progressistas do modernismo o que lhes faltava para não cair na esterilidade de um movimento puramente estético, “sem a substância ou a tensão que somente as relações entre Estética e História podem oferecer” (Barbosa, 2000).

---

## BIBLIOGRAFIA

- AIKEN, Conrad (org.). *A Comprehensive Anthology of American Poetry*. New York, Random House, 1944.
- BARBOSA, João Alexandre. “O Pensamento Literário de Gilberto Freyre”, in *Cult.* ano III, número 32. São Paulo, Lemos, mar./2000.
- CAMPOS, Augusto de. “Ezra Pound: *Nec Spe Nec Metu*”, in E. Pound, *Poesia*. São Paulo/Brasília, Hucitec/Ed. Universidade de Brasília, 1983.
- CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
- DIMAS, A. “Prefácio”, in Gilberto Freyre. *Manifesto Regionalista*. Recife, Massangana, 1996.
- FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. 10ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Tempo Morto e Outros Tempos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Regionalista*. 7ª ed. Recife, Massangana, 1996.
- POUND, E. “Algumas Proibições”, in *A Arte da Poesia*. São Paulo, Cultrix; Edusp, 1976.
- TORRE, Guillermo de. *História das Literaturas de Vanguarda*. Porto, Editorial Presença, 1972.